

O TRABALHO ALIENADO: filosofia e literatura em Marx e Orwell

Antônio Edilson Cardoso Linhares*

Orientador: Prof. Me. Danielton Campus Melonio

RESUMO

O presente artigo tem por desiderato depreender a alienação do trabalho em Karl Marx e George Orwell, enfatizando como objetivo principal a compreensão do conceito de alienação do trabalho para ambos, identificando a proximidade entre estes autores com base teórica em suas respectivas obras: o capítulo VI inédito de “O capital” (2004) e “Manuscritos econômicos-filosóficos” (2004) de Marx e “A Revolução dos bichos” (2007) de Orwell. Este é um trabalho de natureza bibliográfica, orientado pelos fundamentos históricos e filosóficos dos autores e obras supracitadas, precipuamente. Através dessa análise a ampliação de conhecimentos tornar-se mais eficaz e significativa para alcançar os objetivos mencionados, haja visto que a complexidade e magnitude em volta do referente tema e as limitações de um artigo nos forçará a uma análise introdutória. Porém, é imprescindível salientar que o conceito de alienação do trabalho para Marx e Orwell é algo que aprisiona o trabalhador e o transforma em um indivíduo comparado a uma mercadoria. Portanto, conclui-se que é necessário que o indivíduo busque meios capazes de superar esse conceito e que o trabalho seja visto como algo que venha se tornar um processo de libertação e não de aprisionamento ou opressão, mas sim de libertação e de dignificação da condição humana. O indivíduo deve superar a fase de viver para trabalhar.

Palavras-chave: Karl Marx. George Orwell. Alienação. Trabalho. Conhecimento

ABSTRACT

This article is to understand the alienation of labor desideratum in Karl Marx and George Orwell, emphasizing the main objective of the understanding of the concept of alienation of labour for both identifying the proximity between these authors with theoretical basis in their respective works: Chapter VI unheard of "capital" (2004) and "economic and philosophical Manuscripts" (2004) of Marx and "animal farm" (2007) of Orwell. This is a work of bibliographical nature, guided by the historical and philosophical foundations of authors and articles referred to above, addressed first. Through this analysis the expansion of knowledge become more effective and to achieve the objectives, the complexity and magnitude around the related theme and the limitations of an article we will force a introductory analysis. However, it is essential to point out that the concept of alienation to Marx and Orwell is something that imprisons the worker and transforms it into an individual compared to a commodity. Therefore, it is concluded that it is necessary for the individual to seek means capable of overcoming this concept

* Discente concluinte do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Filosofia do Centro Universitário de Pinheiro (CUP), - Universidade Federal do Maranhão.

and that the work is seen as something to come become a process of liberation and not of imprisonment or oppression, liberation and of dignifying the human condition. The individual must overcome the stage of live to work.

Keywords: Karl Marx. George Orwell. Alienation. Job. Knowledge

1. INTRODUÇÃO

O termo ‘trabalho’ sempre gerou discussões e divergências de opiniões ao longo da história. A palavra trabalho é originária do latim *tripalium*, que designa instrumento de tortura. Por extensão, “significa aquilo que fatiga ou provoca dor. O trabalho é da idade do homem e é uma atividade pela qual o homem transforma o universo” (INFOPÉDIA, 2003).

Diversos autores já escreveram sobre o trabalho. Para o marxista Paul Lafarge (2000), a nossa época é o século do trabalho, pois é com efeito, o século do sofrimento, da miséria e da corrupção. Para Immanuel Kant (2003), o homem é o único animal voltado ao trabalho, pois é necessária muita preparação para conseguir desfrutar do que é necessário à sua conservação. Mesmo que todas as condições existissem para que não houvesse necessidade do homem trabalhar, este precisa de ocupações, ainda que lhe sejam penosas. A ociosidade pode ser ainda um maior tormento para os homens.

Ao fazer uma análise sobre a temática na qual este estudo será fundamentado, compreende-se que é necessário haver um entendimento também acerca do conceito de alienação e como ela está presente na vida dos homens desde os primórdios. No entanto, o homem alienado é um ser fora de si, e sem controle sob seus atos. O trabalho deve ser visto como um fator preponderante na vida do homem, pois é através dele que o homem consegue obter desenvolvimento profissional e pessoal, sendo necessário haver um desdobramento das potencialidades, para que o homem possa ter uma constante interação com o trabalho, a fim de garantir uma maior efetivação desse processo.

Nesse sentido buscamos aqui ampliar a visão sobre a alienação e como a mesma está definida e inserida no cotidiano das pessoas. Através deste trabalho, no qual tem como objetivo principal compreender o conceito de alienação do trabalho para Marx e Orwell, tentaremos uma proximidade entre estes autores a fim de alcançar essa finalidade, buscando trazer para os leitores uma satisfatória análise e discussão sobre a

temática e que através dos autores seja possível ampliar os conhecimentos sobre a alienação do trabalho.

No campo antropológico, a alienação é o estado de um povo forçado a abandonar seus valores culturais para assumir os do colonizador. Na sociologia e comunicação, discute-se a alienação que a publicidade e os meios de comunicação suscitam, dirigindo a vontade das massas, criando necessidades de consumo artificiais e desviando o interesse das pessoas para atividades passivas e não participativas (MARX, 2004b) É nesse diapasão que a metodologia deste artigo se sustenta, pois como propõe a compreensão do conceito de alienação do trabalho para Karl Marx e para George Orwell, iremos identificar primeiramente uma possível proximidade e relação entre estes autores com base teórica em suas respectivas obras: “O capital” (2004a) e “Manuscritos econômico-filosóficos” (2004b) de Marx e “A Revolução dos bichos” (2007) de Orwell.

Em seguida, iremos realizar uma análise preliminar do conceito de trabalho, para introduzir a abordagem marxiana do tema no tópico seguinte. E por fim, iremos discutir o trabalho alienado segundo a leitura literária de George Orwell. Ressaltando que este é um trabalho de natureza bibliográfica, orientado pelos fundamentos históricos e filosóficos dos autores e obras supracitadas, precipuamente.

2. A LITERATURA E ESTETIZAÇÃO DO CONCEITO FILOSÓFICO

A filosofia permite compreender conceitualmente os problemas do mundo real, tal como a questão do trabalho que pretendemos analisar; de forma análoga é a literatura que permite apreender sobre o tema, contudo não de maneira explicitamente conceitual, mas de modo estético. Ambas possuem uma longa trajetória no que se refere às contribuições para a história, esta última surgiu primeiro, utilizando-se das lendas e os poemas míticos e assim muito depois nascem a filosofia na qual trataria de responder racionalmente as muitas questões do teor mítico, estético e escatológico. Através da literatura, aqui explicitada na obra de George Orwell “A revolução dos Bichos” (2007), é possível demonstrar que o conceito de alienação do trabalho também pode ser discutido esteticamente por meios das obras literárias.

Acreditamos que uma abordagem dessa natureza possa trazer um suporte significativo, capaz de facilitar o processo daqueles que leem e daqueles que escrevem. Mas o que seria filosofia? Qual seria sua proposta? De acordo com Hilton Japiassu (2008, p. 108):

É difícil dar-se uma definição genérica de filosofia, já que esta varia não só quanto a cada filósofo ou corrente filosófica, mas também em relação a cada período histórico. [...] No entanto, no desenvolvimento da tradição filosófica, o termo filosofia foi frequentemente usado para designar a totalidade do saber, a ciência em geral, sendo a metafísica a ciência dos primeiros princípios, estabelecendo os fundamentos dos demais saberes.

Portanto, entende-se que a filosofia se torna a base do conhecimento humano, onde através da mesma é possível desenvolver várias interpretações, e dessa forma as pessoas conseguem abstrair vários conhecimentos em relação ao que estão lendo ou estudando. Através de vários argumentos utilizados pela mesma é possível ampliar os horizontes de entendimento, no qual auxiliaram os indivíduos a obterem novas concepções acerca dos períodos históricos.

Mas, e a literatura? O que seria? Poderia ela ter alguma relação com a filosofia? Segundo o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2009), a primeira definição para literatura seria “uso estético da linguagem escrita; arte literária”, ou seja, a utilização das palavras em forma de arte.

Dessa forma, entende-se que as duas podem caminhar juntas, para que uma possa completar a outra, pois a linguagem escrita expressa os pensamentos dos autores, e que através da sua concretização poderá haver uma maior aquisição de novos conhecimentos que aumentará o desenvolvimento das capacidades linguísticas e escritas. Pois ambas reservam muitas surpresas ao expressar uma linguagem na qual pode ser citada como: conceitual ou artística.

Dito de outra maneira,

[...] Filosofia e Literatura também compartilham de outras características em comum. Ambas são produções escritas, que se utilizam para se expressar de uma linguagem metafórica, denotativa, plurissignificativa, que exige do leitor um esforço interpretativo, exercitando a capacidade de ler nas entrelinhas do discurso apresentado ao leitor. E na medida em que exigem do leitor um esforço para interpretar os seus textos, os discursos filosóficos e literários contribuem, também, para a humanização do homem, auxiliando na construção de sujeitos pensantes e autônomos, capazes de ler um mundo de forma crítica. (MELONIO, 2016, p. 55)

Nesta senda, Benedito Nunes (2011) apresenta considerações bastante significativas a respeito da dualidade Filosofia e Poesia, sendo que nesse contexto, a Poesia está intrinsecamente ligada à Literatura. Nunes (2011, p. 13) afirma categoricamente que “não é descabido afirmar que toda filosofia é poética”. Ou seja, essa relação mútua entre Filosofia e Literatura e Filosofia e Poesia demonstra que o “trabalho do filósofo

e/ou da Filosofia é realizado num espírito de concordância do poeta e conseqüentemente, do literato, com as verdades a expor, segundo o prévio contato admitido que possa ser objeto de comunicação humana” (Nunes, 2011, p. 13).

E assim é importante saber valorizar tanto a filosofia quanto a literatura, pois as duas se encontram em consonância ao se tratar da questão existencial da natureza humana, onde busca ampliar os conhecimentos sobre a mesma, buscando enfatizar de forma própria as várias mudanças ocorridas durante o processo natural da vida. É fato que o pensamento reflexivo e o questionamento acerca do mundo e da vida sempre existiram e sempre continuarão a existir nos livros de literatura. Ninguém duvida, por exemplo, que haja filosofia nas palavras de Dostoievski (2008, p. 27), em *Memórias do Subsolo*, quando diz que “o homem se vinga porque acha que está fazendo justiça. Isso significa que ele encontrou o motivo original, o fundamento, ou seja: a justiça”.

Busca-se através da filosofia obter um pensamento mais reflexivo no que se refere a muitas situações, e assim ao conseguir compreendê-las, é possível haver uma maior absorção de conhecimentos no qual irão aumentar o nível de entendimento sobre situações diárias na qual o motivou a buscar novas ideias e por fim compreender o verdadeiro papel das ações desenvolvidas.

Assim, compreende-se que a Filosofia é um dos campos de estudo mais antigos, e que auxilia as pessoas na busca por compreender o seu próprio eu, e dessa forma poderá haver um alto conhecimento, de forma que venha tornar os indivíduos capazes de compreender e interpretar as muitas ações e manifestações acontecidas durante toda a sua vida.

No campo educacional a filosofia vai ajudar a interpretar muitos acontecimentos no qual os autores relatam em seus vários textos, sendo necessário utilizar-se de uma boa leitura para compreender e dessa forma a filosofia e a literatura caminham juntas para promover uma ampliação dos conhecimentos onde cada indivíduo será capaz de abstrair novos conceitos e assim entendê-los de forma objetiva, buscando uma explicação eficaz e significativa.

A filosofia busca dar as respostas para muitas perguntas, e dessa forma se torna indispensável a todas as pessoas, pois através dessas indagações é possível obter cada vez mais conhecimentos, e assim o homem consegue construir novas idealizações onde poderá beneficiá-los de forma ampla e objetiva. Pois através dos conhecimentos adquiridos através da filosofia é possível construir um novo futuro para todos.

Ao se referir a construção de novos conceitos é importante destacar que a literatura tem um importante papel nessa configuração, pois a mesma oferece aos leitores a possibilidade de ampliar a sua visão de mundo, e aguçar a imaginação de forma que possam se tornar mais objetivas e eficazes, e assim o processo de desenvolvimento tem uma maior evolução.

Como proposto por Aristóteles que a literatura faz uma imitação da realidade, então o sociólogo Antônio Cândido (1972) formula o seguinte conceito de literatura:

A arte, e, portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 1972, p. 53)

Ao buscar um novo entendimento através das obras literárias, o leitor é levado a conhecer algo novo da sua realidade, ele terá a chance de construir novas idealizações, e assim ao criar esse formato novo, será possível desenvolver tanto a escrita como a linguagem, utilizando-se de forma ampla os conhecimentos adquiridos através da arte de transformar o real para o ilusório.

Cândido (1997, p. 38) explica que essa modalidade linguística tem relevante função educacional à medida que humaniza. Ele afirma que

para nós, professores, a Literatura é algo que não pode ser apenas fruído, a Literatura é um instrumento de educação e cultura, usamos a literatura para formar os nossos estudantes, ela é um extraordinário fator de humanização. [...] é preciso não esquecer que a grande função social da Literatura é o grande efeito humanizador que ela exerce, tanto pela forma quanto pela mensagem.

Pois através da literatura amplia-se os conhecimentos linguísticos, e assim ganha-se um novo repertório de informações que irão ampliar o desenvolvimento da educação e da cultura dos estudantes, que precisam conhecer esse instrumento tão importante na construção do saber.

De acordo com a posição do autor, a literatura humaniza. Ela corresponde a uma necessidade universal que satisfaz a constituição dos indivíduos, já que dá forma aos sentimentos e à visão de mundo, organiza e liberta os seres humanos do caos, e, portanto, civiliza-os. Para Cândido (1997), talvez não haja equilíbrio social sem a literatura, pois a palavra artística confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, for-

necendo a possibilidade de viver dialeticamente problemas e, vista dessa forma, aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Em síntese, a Literatura é fator indispensável à humanização.

Desta forma, a literatura proporciona uma espécie de atualização de tradições e de saberes, já que tanto escritores quanto escritos se mantêm universais apesar da passagem do tempo. Tais conhecimentos supõem modos de pensamento e de comportamento, aos quais os sujeitos podem aceitar ou rejeitar, e através da interação do leitor com a obra/autor se dá o processo de civilização através do texto literário (CANDIDO, 1997, p. 23)

Dessa forma, entende-se o quanto a literatura é importante para a construção de novos conceitos em relação ao que se refere a humanização, e assim é necessário que os indivíduos adquiram a habilidade de poderem se organizar de forma mais ampla e segura. A Literatura, bem como a Poesia, são instrumentos de humanização da realidade e da verdade que nos cerca, nos propondo meios para alcançarmos determinados fins, como por exemplo, respondermos alguns questionamentos que surgem no nosso cotidiano. Nunes (2011) nos ajuda a compreender esse elã que se estende a nossa volta desde o início dos tempos: a busca pela verdade, pelas origens de todas as coisas, pelos por quês da vida, etc.

A noção de verdade, assim deslocada de seu eixo proposicional para o âmbito do discurso, da linguagem objetificável, como o solo comum de nossa experiência, enfeixando as possibilidades do conhecimento científico, do poético e do filosófico, é, igualmente, onde poesia e filosofia já se avizinham. Tal vizinhança sustenta a aproximação histórica atual das duas protagonistas (NUNES, 2011, p. 15).

Portanto, verifica-se que a beleza da literatura reside na qualidade das experiências que ela oferece aos indivíduos dando a oportunidade de mudanças e de adaptação ao meio à sociedade. E enquanto a filosofia desvela problemáticas existenciais do ser humano, sendo que a literatura trata dessas problemáticas de forma simbólica através da ficção. E por fim compreende-se que ambas são complementares na medida que representam a vida de que as lê. Sabe-se ainda da relevância de ambas, pois através delas é possível contribuir nos aspectos formativos do indivíduo para que possam está apto a obterem os mais variados conhecimentos em determinadas épocas e espaços (2003).

De acordo com Boff (1997, p. 09) a literatura tem muito a dizer a cada um de nós, e cada um de nós tem muito a dizer por meio e a respeito da literatura e de tudo quanto ela nos proporciona:

Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é à vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.

De acordo com o trecho da obra de Boff (1997) é possível observar que a literatura é uma forma bastante importante de levar ao leitor várias informações, e que a partir da leitura e da construção do leitor será possível desvendar muitos mistérios na qual a literatura traz consigo, mas isso só será possível se houver um amadurecimento por parte do leitor, e que ao ler ele vai ter que saber interpretar a leitura feita, e através dessa interpretação compreender o que leu de forma específica sem causar nenhum tipo de constrangimento para o leitor.

Dessa forma, após apresentar a relação entre a filosofia e literatura, apontando suas aproximações e distanciamentos, abordaremos nos tópicos seguintes, de maneira preliminar primeiramente, o conceito de trabalho, e em seguida, apresentaremos uma abordagem mais profunda, orientado pelos autores fundamentais que sustentam esse tema e esse trabalho.

2. O CONCEITO DE TRABALHO: uma análise preliminar

Ao longo da história o trabalho se constituiu como uma questão social com a produção industrial, e se tornou um fim em si mesmo e o trabalhador se tornou um mero instrumento de produção, necessário ao “funcionamento das fábricas e indústrias, mas do qual existe a outra parte, o capital, necessário para a fábrica se estabelecer e não depender somente dos trabalhadores” (Infopédia, 2003).

Na visão do pensamento clássico grego, por exemplo, Aristóteles (1999) buscava conceituar o trabalho como uma escravidão, porém necessária, ou seja, um regime social que o homem se sujeitava, utilizando-se de seu suor e de sua força, para que outros homens pudessem lograr fins econômicos e conseqüentemente tornarem-se homens virtuosos. O pensamento de Aristóteles significa dizer que o homem deve ser livre para se dedicar a própria perfeição, ou seja, o trabalho impede o homem de a consegui-

la. Percebe-se que para o pensamento clássico grego o trabalho é tido como um castigo oriundo dos deuses, sendo algo que humilha o homem e por isso deve ser evitado.

No entanto, essa concepção do trabalho como escravidão mudou ao longo do tempo. O trabalho deixou de ser um meio de castigo e, sendo assim, passou a ser utilizado como uma atividade de caráter dignificador da condição dos indivíduos, estabelecer a dignidade das e nas pessoas, ou mesmo a trazê-la em alguns casos a quem nunca sequer soube o que é tê-la. Dessa forma, o trabalho tem papel de socialização, sendo esta o elemento final, ou melhor, o elemento principal de sustentação, o pilar sustentador desse processo de dignificar a condição humana através do labor. “A vida em grupo é uma exigência da natureza humana. O homem necessita de seus semelhantes para sobreviver, perpetuar a espécie e também para se realizar plenamente como pessoa” (OLIVEIRA, 2001, p.24).

Na visão do filósofo húngaro György Luckács (1981, p. 12) é mais otimista em relação ao trabalho, pois para ele, por meio do trabalho “o homem cria, livre e conscientemente, a realidade, bem como o permite dar um salto da mera existência orgânica à sociabilidade”. É também pelo trabalho que a subjetividade se constitui e desenvolve-se constantemente, num processo de autocriação de si. De acordo com o autor o trabalho não pode ser tirado da vida humana, pois através dele que o homem consegue se satisfazer e suprir as suas necessidades básicas, sendo assim é preciso haver o intercâmbio entre o trabalho e as ações desenvolvidas durante todo o seu desenvolvimento para que possa haver um maior entendimento de sua realidade na qual está localizado, para que o homem possa se tornar um ser livre, mas capaz de construir a sua própria história de forma objetiva e concreta.

As atividades que são desenvolvidas no trabalho tornam o homem mais ativo e capaz de construir cada vez mais novas invenções, e assim mediante a essas atividades é possível haver uma melhoria na qualidade de vida, onde cada um vai perceber o que é necessário para manter a sua existência de forma autônoma e com dignidade. Sendo assim entende-se que o trabalho é também uma via de identificação com o outro, nos insere num grupo, numa espécie, nos iguala e nos diferencia dos outros indivíduos. Pela via do trabalho a pessoa se torna significativa para o outro, e o outro se torna significativo para ele (KANT, 2003).

O homem como um ser racional é capaz de construir seus próprios materiais que irá utilizar em seu trabalho, e isso faz dele um ser diferente dos demais, no qual pode estar proporcionando uma ampliação em seu crescimento pessoal e profissional, e

assim busca-se compreender o quanto o trabalho é útil ao crescimento e desenvolvimento das potencialidades humana, e que através do mesmo pode está aumentando cada vez mais a capacidade produtiva de cada pessoa. O trabalho dignifica o homem de forma que ele busque a cada instante uma ampliação dos conhecimentos para que possa se aperfeiçoar de maneira objetiva, e assim através desse aprimoramento é possível desenvolver as atividades com mais êxito e qualidade, visando sempre a elevação dos conhecimentos (KANT, 2003).

Depois de apresentarmos uma abordagem preliminar do conceito de trabalho, apontando uma visão positiva sobre o mesmo, a seguir será abordado o conceito marxiano de trabalho alienado propriamente dito, demonstrando como o trabalho deixa de ser uma forma de humanizar o homem tornando-se meio para realização do contrário, isto é, a sua desumanização.

3.O TRABALHO ALIENADO: Uma abordagem marxiana

Karl Heinrich Marx, conhecido apenas como Karl Marx, nasceu em maio do ano de 1818 e morreu em março de 1883. Foi um importante revolucionário e intelectual alemão, fundador da doutrina comunista moderna. Além disso, ele ainda atuou como filósofo, economista, historiador, jornalista e teórico político. Sua vida e suas contribuições são interessante e inegáveis, porém, o que nos interessa aqui é a sua abordagem sobre o trabalho. Para Marx (2004a), o trabalho é extremamente importante para o homem, pois através do mesmo é possível proporcionar uma maior qualidade de vida, e com uma satisfação após desenvolvê-lo é possível adquirir cada vez mais sucesso. Nesse aspecto, sabemos que é possível modificarmos o ambiente no qual estamos inseridos de forma ampla, na qual poderá haver essa transformação mediante o trabalho de mudança, onde são envolvidas várias ações no qual buscamos fabricar ou produzir as próprias ferramentas que serão utilizadas nesse novo projeto de vida.

Para o autor, o trabalho proporciona uma satisfação onde vai dimensionar o crescimento das pessoas que fazem uso dele, nesse caso busca-se compreender que através do trabalho a pessoa pode se igualar ou se diferenciar dos demais, pois na medida em que o trabalho vai ganhando novas dimensões às pessoas passam a obter uma nova ideologia, que pode ser comparada mediante ao desenvolvimento pessoal, e assim o trabalho se torna um importante aliado na construção de crescimento, sendo que o instrumento de trabalho é o meio no qual une homem e natureza e que dessa união re-

sulta as vantagens tão necessárias para o crescimento profissional. Mas para haver o trabalho é necessária que haja os instrumentos no qual serão utilizados no desenvolvimento do trabalho, e isso vai transformar o homem em ser atuante que cresce e desenvolve-se através de seu trabalho, como forma de valorização humana (MARX, 2004a).

Em sua obra, Marx (2004a) observa que o trabalho deve ser visto como um forte instrumento de liberdade, que possibilita ao homem ser dono de si através de seu trabalho, pois ele vai conseguir modificar seu ambiente tornando-o agradável, e assim ele conseguirá desenvolver as suas competências na qual serão de extrema importância para haver evolução em seu crescimento. Nesse sentido compreende-se que o homem precisa do trabalho para se realizar profissionalmente, e que através dessa realização haverá um maior aproveitamento no que diz a existência humana.

No entanto, a venda de sua força e disposição de trabalho se converte ao mesmo tempo, em meios de subsistência para o trabalhador para manter-se como tal, e o capitalista em capital personificado, conforme palavras de Marx (2004a, p. 75):

No processo de trabalho que é simultaneamente processo capitalista de produção, os meios de produção empregam o operário, de tal sorte que o trabalho só aparece como um meio graças ao qual determinada quantidade de valor, ou seja, determinada massa de trabalho objetivado, suga trabalho vivo para se conservar e incrementar. O processo de trabalho aparece assim como processo de autovalorização (por intermédio do trabalho vivo) do trabalho objetivado.

Nesse sentido busca-se compreender a importância do trabalho para a vida humana, pois através dele é possível modificar o ambiente na qual está inserido, e assim conseguir valorização, para que possa haver resultados positivos durante toda a sua produção.

O trabalho é a fonte no qual o homem busca atingir todos os seus anseios e objetivos, e assim em meio a esse elo percebe-se que o trabalho torna o homem vivo, no qual destaca a espécie e marca a existência e permite a sobrevivência do homem, o homem tornara-se o que o seu trabalho for, tornando diferente das demais espécies, onde os próprios homens constroem o seu meio ambiente. Para Marx (2004b) o trabalho é uma dimensão que não se pode eliminar da vida humana, isto é, uma dimensão ontológica fundamental.

Por fim, é preciso ainda ressaltar outro aspecto importante da positividade do trabalho em Marx, a saber, o fabrico e uso de ferramentas. O homem mostrou-se historicamente como o único ser vivo capaz de produzir conscientemente os seus meios de trabalho, os quais ele põe entre si e os objetos como meio de atingir a satisfação de suas carências. Com isso, os homens puderam

desenvolver uma indústria, aumentando sua capacidade produtiva. Ademais, o “desenvolvimento histórico dos meios de produção são o indício da história humana com um todo.” (MARX, 2004b, p. 33).

Em meio a tantas mudanças ocorridas na sociedade durante toda a história, buscou-se compreender sobre a alienação do trabalho em Marx (2004b), e que através desse autor foi possível fazer uma análise ampla sobre a importância do trabalho e como ele deve ser visto como uma fonte de mudanças, e assim verifica-se que a alienação é um processo de exteriorização de uma essência humana e do não-reconhecimento desta atividade enquanto tal.

A alienação em relação ao trabalho é a negação da sua própria atividade, e o que vai restar será somente o salário no fim do mês, e assim em meio a essa insatisfação não haverá desenvolvimento humano. Ao analisar a alienação do processo de produção observa-se que a mesma pode interferir em sua vida, pois ela ao penetrar em seu dia-dia pode causar o sofrimento e não a realização. Pois ao se obter um trabalho no qual desenvolve-se forçadamente para sobreviver, e assim nunca se trabalha somente o necessário (MARX, 2004b).

No entanto, em relação a esse conjunto de ações que podem interferir no desenvolvimento das capacidades do trabalhador só irá se satisfazer nas atividades animais como: comer, dormir, beber e procriar, mas será um ser insatisfeito e incompleto no que se refletirá em uma negação propriamente humana. Dessa forma o trabalho será mortificador e sacrificante (MARX, 2004b).

A alienação do trabalhador em seu objeto é expressa da maneira seguinte, nas leis da Economia Política: quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem para consumir; quanto mais valor ele cria, tanto menos valioso se torna; quanto mais aperfeiçoado o seu produto, tanto mais grosseiro e informe o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, tão mais bárbaro o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, tão mais frágil o trabalhador; quanto mais inteligência revela o trabalho, tanto mais o trabalhador decai em inteligência e se torna um escravo da natureza (FDR, 2017).

Segundo Marx (2004b), mediante a nova era moderna e suas novas formas de produção aumentam a alienação do homem, o que afeta negativamente o desenvolvimento do mesmo, pois o trabalho através dessas novas tecnologias acabam, por distanciar o trabalhador do que ele está produzindo, e isso vai afetar-lhe de forma abrupta, fazendo com que ele não reconheça seu próprio produto final de todo o seu esforço. E dessa forma negativa, o homem torna-se uma máquina que busca somente aumentar o capital, sem dar nenhuma chance ao trabalhador de poder usufruir ou ter acesso do pro-

duto no qual ajudou a fabricar, como podemos perceber no trecho a seguir (MARX, 2004b).

a determinação absoluta do trabalhador pelas necessidades, já que o trabalho [...] não tem para ele outro significado que ser uma fonte de satisfação de suas necessidades, enquanto ele só existe para elas como escravo de suas necessidades (MARX, 2004b, p. 26).

Nesse aspecto concorda-se com Karl Marx (2004b) e destaca-se que na visão dele, a alienação do trabalho provoca no homem uma sensação de dependência que vai refletir no cotidiano do mesmo, pois o trabalho é considerado como fardo para a sobrevivência. Dessa forma é necessário que haja constantes motivações para fazer com que o trabalho seja visto como algo bom, nesse intuito são oferecidas, muitas vezes pelas empresas, palestras motivacionais na tentativa de melhorar a autoestima dos trabalhadores, e assim através de um ambiente saudável as pessoas podem está descobrindo suas verdadeiras vocações, e mesmo os indivíduos que amam o seu trabalho, ainda sim buscam um rendimento econômico que possa ser utilizado para melhorar a qualidade de vida (MARX, 2004a).

A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição com ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica (MARX, 2004a, p. 160).

De acordo com Marx (2004a), o trabalho torna-se um meio de subsistência, onde o trabalhador deve focar suas expectativas, e assim possa adquirir resultados precisos. Mas é importante haver uma visão ampla em relação a sua produção, para que o ser humano possa transformar as suas ações em condições reais na qual irão garantir sucesso na vida profissional. Daí surge a seguinte questão: será que o trabalho aliena o indivíduo? Para Marx (2004a) existe sim o trabalho alienado. Este seria o trabalho que a sociedade industrial criou. A sociedade dominada pela produção de mercadorias. O trabalho que rompe a ligação entre o homem e sua atividade vital.

Karl Marx (2004a) discorre sobre a alienação e trabalho da seguinte forma:

O animal identifica-se com sua atividade vital. Ele não distingue a atividade de si mesmo. Ele é sua atividade. O homem, porém, faz de sua atividade vital um objeto de sua vontade e consciência. Ele tem uma atividade vital consciente. Ela não é uma prescrição com a qual ele esteja plenamente identificado. A atividade vital consciente distingue o homem da atividade vital dos animais [...]. O trabalho alienado inverte a relação, pois o homem, sendo um ser

autoconsciente, faz de sua atividade vital, de seu ser, unicamente um meio para sua existência. (MARX, 2004a, p. 87).

No entanto, observa-se que o homem se diferencia dos animais, pois o mesmo desenvolve as suas atividades de maneira que venha trazer resultados para si, no entanto, os animais não possuem uma visão na qual difere atividade de si mesmo, nesse sentido é preciso haver a consciência de que o homem é um diferencial, onde usa a sua consciência para obter o conhecimento a respeito da atividade vital unicamente para definir a sua existência enquanto ser humano.

Vimos no presente capítulo, um apanhado sobre a abordagem que Karl Marx (2004ab) faz a respeito do conceito de trabalho, precipuamente o trabalho alienado. A seguir iremos apresentar de forma literária, o conceito de trabalho alienado de Marx (2004ab) no texto de George Orwell (2007).

4. O TRABALHO ALIENADO SEGUNDO A LEITURA LITERÁRIA DE GEORGE ORWELL

Eric Artur Blair nasceu em 25 de junho de 1903, sob os ares da cidade de Mothiari, na Índia, sob domínio dos ingleses. Filho de uma mãe de ascendência francesa e de um oficial da marinha britânica que trabalhava no departamento de controle de ópio, Eric cursou a prestigiada Academia de Eton onde se destacava como bom aluno, e tinha tudo para seguir a carreira de seu pai se tornando um importante oficial britânico. Mas o assíduo leitor de escritores como Dickens e Zola já era diferente (FARIA, 2017).

A obra de George Orwell intitulada “*A revolução dos bichos*” (2007) aborda prontamente a questão da leitura literária, pois esta contribui fundamentalmente para a compreensão do conceito filosófico de alienação do trabalho, já que ilustra de forma literária o conceito de trabalho alienado em Karl Marx (2004ab).

Observa-se que a alienação é nada mais do que um fato preponderante para manter o regime ou as ideologias na qual já estão determinadas, e assim utilizam-se das mesmas para permanecer com as atividades que já estão sendo praticadas. Ao se falar em alienação do trabalho compreende-se que tal situação desencadeia a perda da identidade individual ou coletiva, e assim favorece a falta de autonomia, no qual afeta diretamente o homem do mundo moderno.

Dessa forma a alienação do trabalho refere-se à diminuição da capacidade dos indivíduos em pensar e agir por si próprio. Nesse aspecto entende-se que quando o trabalho passa a ser alienado o homem passa a ser escravizado, e em vez de humanizar acaba desumanizando, fazendo com que ele passe a trocar o verbo ser pelo ter.

De acordo com a análise sobre a alienação em Orwell, verifica-se que o homem está sempre em busca do tão sonhado poder, e que através do mesmo é possível fazer muitas modificações onde as pessoas precisam obter outros conhecimentos para haver crescimento e desenvolvimento. Com efeito, ao fazer uma análise sobre a trajetória de Orwell busca-se entender como ele era visto, sempre buscou transparecer a objetividade dos fatos, nesse sentido presava em escrever de forma clara e concisa.

O livro "*A Revolução dos Bichos*" (2007) foi publicado, na sua primeira edição, em 1945, momento em que se começava a Guerra Fria. "*A Revolução dos Bichos*" considerada por muitos um best-seller, a obra literária conta a história do fazendeiro Jones; um homem beberrão, indolente e cruel que explora demasiadamente seus animais. Revoltados com a situação e seu proprietário, eles planejam tomar seu lar. De posse da fazenda, os animais passam a comandar o lugar, decretando uma série de novas regras chamada de animalismo. Com a clara crítica ao sistema socialista da União Soviética, o autor faz metáfora antropofágica dos personagens animais com os indivíduos envolvidos com a nação extinta. O legado do livro em questão é amplo, fonte de estudos, artigos e resenhas críticas, um bem acadêmico presente.

Nesse intuito, buscou-se realizar uma compreensão ampla sobre essa história na qual foi narrada de forma bastante criativa, pois os animais tomam o controle da fazenda e assim passam a organizar novas regras na quais possam ajuda-lhes a obter uma vida diferente, na qual não houvesse mais opressão e nem desmandos dos antigos chefes. E que através dos personagens animais observou-se o quanto a disputa de poder é grande, e que muitos que ousam busca-lo acabam por atingir outras pessoas, e ao chegar lá terminam por esquecer seus princípios que tanto lutou.

Nesse sentido a ideia central de todos os acontecimentos era provar que o homem era mal, e assim mostrar que o mesmo era o opressor e dessa forma não teria direitos, para isso seria necessário extingui-los sendo o único fim possível. Com o desenrolar da narrativa, depois da morte do porco Major, os porcos Bola de Neve e Napoleão usam do princípio do Animalismo para incitar nos outros animais a chama da revolução. Certo dia, "após sofrerem muitas chicotadas, os animais se rebelam, expulsando o fa-

zendeiro Jones e seus funcionários da granja” (CUNHA/BRAZIL, s/d, p. 02). Precisam ser as palavras do historiador húngaro Isaac Deutscher onde diz que:

Nenhum evento na história da humanidade levanta tantas controvérsias violentas quanto as revoluções [...] A controvérsia em torno de cada revolução advém do fato evidente de que uma revolução destrói interesses estabelecidos, ideais, tradições e hábitos, empreendendo sua substituição por um modo de vida totalmente novo. Só isso já bastaria para liberar todas as paixões e fúrias do coração e da mente humanas [...] O que mantém a controvérsia viva, alimentando-a durante várias décadas, são a complexidade do fenômeno e seu caráter multifacetado (CUNHA, BRAZIL, s/d, p. 02).

Observou-se que no transcorrer dos fatos o desejo de alcançar uma nova história para si e para os demais, e assim em meio a uma revolução, foi possível expulsar os humanos, dando uma nova oportunidade para os animais construírem a sua agenda de formação de seu novo estado, nesse caso esse estado seria comandado pelo e para os animais, criando assim a Granja dos Bichos. No trecho seguinte, em uma conversa entre os animais, George Orwell (2007) aponta a insatisfação dos bichos para com o ciclo que a vida impõe-los:

O homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, Não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado, não corre o suficiente para alcançar uma lebre. Mesmo assim, é o senhor de todos os animais. Põe-nos a trabalhar, dá-nos de volta o mínimo para evitar a inanição e fica com o restante. Nosso trabalho amanhã o solo, nosso estrume o fertiliza e, no entanto, nenhum de nós possui mais do que a própria pele. (ORWELL, 2007, p. 10-11).

Outro ponto da obra em que o autor aborda a questão do trabalho é no caso do cavalo Sansão que trabalha demasiadamente e nem sabe porquê; ou como no caso das ovelhas e os outros animais que trabalham para construir o Moinho de Vento e na verdade estão sendo explorados.

Ou como no caso de Sansão: “Quitéria às vezes recomendava-lhe que tivesse cuidado e não se esforçasse demais, mas Sansão não lhe dava ouvidos. Seus dois lemas “trabalharei mais ainda” e “Napoleão tem sempre razão” pareciam-lhe resolver todos os problemas” (ORWELL, p. 65, 2007). E ao final, após ter dado tudo de si, Sansão acabou sendo traído por Napoleão. Que na vida real, pode ser entendido como o povo, que acreditava em Stalin porque ele era “comunista”. Muitos continuaram fiéis a Stalin mesmo depois que ficou óbvio que ele era um tirano, e então foram traídos por Stalin, que os ignorava e os matava aos poucos (de fome, de tanto trabalhar, etc.).

Nesta senda, conclui-se que a obra de Orwell (2007) apresenta uma série de metáforas que remetem ao período histórico em que a obra foi escrita. Além de remeter ao egoísmo, autoritarismo, corrupção que há em relações humanas, sejam elas políticas ou sociais, os personagens também lembram características de personagens históricos. Como, por exemplo, Major que apresenta semelhanças idealistas com Karl Max (2004ab), ou então Napoleão que se assemelha com Stalin, a quem o autor paralelamente faz uma crítica, devido à administração corrupta. Assim, a obra de George Orwell (2007) é considerada pela crítica uma fábula satírica, onde a realidade é retratada com um toque cômico.

5.CONCLUSÃO

Vimos nas considerações acima que para Karl Marx (2004) o trabalho apresenta uma exteriorização do ser, através do trabalho as pessoas podem se posicionar de forma mais humana, elencando assim o esforço material da transformação do mundo e satisfação das necessidades, para que haja uma maior satisfação da necessidade de ação da condição humana. Verificamos também com a análise sobre a alienação do trabalho de Marx (2004a) na obra literária de George Orwell (2007), que o homem está sempre em busca do tão sonhado poder, e que através dessa ambição é possível fazer muitas modificações e transformações ao redor das pessoas.

Temos no Estado de Orwell (2007) uma revolução às avessas, transformando os seres, antes pares, em seres diferentes. O próprio “povo” se torna contra si, usando da ignorância para modificar o Estado e se manter no poder. Nesta esteira, percebemos que a dominação disfarçada, criando assim um “bem-estar” aos dominados, para que eles não possam reagir. Com o objetivo da revolução alcançado segundo a obra “*A Revolução dos Bichos*” (2007), a expulsão dos humanos, os animais, liderados pelos porcos, lançam sua agenda de formulação de seu novo Estado. Estado, que seria regido pelo e para os animais. Estava criada a Granja dos Bichos.

Portanto, conclui-se que através dos conhecimentos adquiridos em relação ao tema foi possível concluir que a alienação do trabalho em Marx (2004ab) e Orwell (2007) e assim fez uma análise sobre a temática, no qual compreendemos que para Marx a alienação do trabalho torna o homem dependente, torna o trabalhador como uma mercadoria na medida em que cria bens, dificultando a apropriação do que é produzido,

e assim o trabalhador se torna um ser que não se reconhece, e dessa forma o trabalho em vez de ser sua realização acaba por si transformar em escravidão.

Buscamos fazer uma análise sobre essa temática, e assim entendeu-se que toda a sociedade está mergulhada em uma alienação, que aprisionam as pessoas de maneira que as mesmas de forma que elas ficam controladas e amarradas e assim estipulam rotinas. Nesse sentido através deste trabalho buscou-se fazer uma comparação entre a importância da filosofia e da literatura, no qual mostra que ambas são essenciais na construção de conhecimentos no qual vai ampliar a visão de mundo, e assim através de seus elementos e objetivos será possível obter resultados mais imediatos em relação a construção de um conhecimento filosófico e literário mais amplo no que se refere ao campo social e todas as suas idealizações.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Aristóteles – Vida e Obra**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1999 (Coleção Os Pensadores).
- BOFF, Leonardo. **A Águia e A Galinha: Uma Metáfora da Condição Humana**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. *Ciência e Cultura*. 24 (9): 803-809, set, 1972.
- CANDIDO, A. Entrevista. In: **Investigações: Linguística e Teoria Literária**, Recife, v. 7, set, p. 7-39, 1997.
- CUNHA, Lucas Jordão. BRAZIL, Marcelo Pasquini. **De Orwell à Huxley: a visão multifacetada do Estado totalitário e a supressão do indivíduo**. Unifacs. s/d.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Notas do subsolo**. Tradução de Maria Botelho Pereira Soares. Porto Alegre -RS: L&pm Pocket, 2008.
- FARIA, Caroline. **Biografias e Escritores: George Orwell**. InfoEscola: navegando e aprendendo. Disponível em: <http://www.infoescola.com/escritores/george-orwell/> . Acesso em: 03/10/2017.
- FDR (Fundação Dinarco Reis). **O Trabalho Alienado de Marx (2016)**. Disponível em: https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&&view=article&&id=164:o-trabalho-alienado-de-marx&&catid=8:biblioteca-comunista . Acesso em: 12/06/2017.
- GRECO, Rogério. **Direito Penal do Inimigo**. Disponível em: <http://www.rogeriogreco.com.br/?p=1029> Acessado em: 12 de agosto de 2013
- HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Tradução Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, Ed. Bilingue, 2003.
- LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 2000.
- LUKÁCS, G. **Democracia Burguesa, Democracia Socialista e outras questões**. Nova Escrita/Ensaio, São Paulo: Escrita, ano IV, nº 8, 1981
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **As vítimas algozes**. São Paulo: Scipione, 1988.
- MARX, Karl. **Capítulo VI inédito de o capital**. Tradução Klaus Von Puchen. 2ª ed. São Paulo: Centauro Editora, 2004a.

_____. **Manuscrtos econômicos e filosóficos, primeiro manuscrito.** São Paulo: Boitempo 2004b

MELONIO, D. C. Filosofia e Literatura: uma análise do materialismo histórico dialético a partir de textos literários. In: FERNANDES, Clever Luiz; MIRANDA, Wandêilson Silva De (Orgs.). **A filosofia nas escolas:** o diálogo interdisciplinar entre a filosofia e as ciências humanas. - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

NUNES, Benedito. **Poesia e Filosofia: uma transa.** A palo seco. Ano 3, nº 03, 2011.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à Sociologia.** 24^a ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

ORWELL, G. **A Revolução dos bichos.** Ed. Companhia das Letras, Tradução. Heitor Aquino Ferreira, 8^a reimpressão, São Paulo, 2007.

Trabalho (filosofia) in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$trabalho-\(filosofia\)](https://www.infopedia.pt/$trabalho-(filosofia)). Acesso em 28/05/2017.